

CONSCIENCIOLOGIA E TRAJETÓRIA ACADÊMICA: ENTREVISTA COM CRISTIANE GILABERTE¹

Alexandre Zaslavsky

Cristiane Gilaberte é professora universitária e consciencióloga, formada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Fez mestrado em Letras interdisciplinar na área de Linguagem e Sociedade e doutorado interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras, ambos na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Conheceu a Conscienciologia e Projeciologia em 1986 e é voluntária desde então.

A.Z. Você conheceu a Conscienciologia na pré-adolescência. Como foi a relação do voluntariado e as pesquisas na Conscienciologia com a escolha profissional, com esse início da formação acadêmica?

C.G. Essa relação é bem estreita, bem próxima mesmo. Tem muita relação a escolha da Psicologia através do voluntariado na Conscienciologia. Quando estava no ginásio, cheguei a pensar em fazer Biologia, porque queria estudar a vida. Na época pensei: “Ah, vou estudar a vida então, é a Biologia que estuda tudo que existe de vida”. Mas depois disso acabei conhecendo a Conscienciologia, na época Projeciologia, em 1986. Tomando contato, aprofundando o entendimento sobre o que era a Projeciologia, fiquei muito interessada em estudar o tema e não existia faculdade de Projeciologia. Na verdade, existia até uma faculdade de Parapsicologia em Curitiba, cheguei a dar uma olhadinha para saber o que era, o que existia sobre isso. Mas em conversa com o professor Waldo Vieira, ele falou assim: “Olha, não sugiro que você faça Parapsicologia, apesar do seu interesse nessa área, mas a Psicologia. Você que tem que decidir”. E chegou até a pegar uma folha de papel e escreveu várias profissões em uma tabela com três colunas e várias linhas. Uma coluna era minha satisfação íntima com aquela profissão, a outra coluna era sobre retorno financeiro que teria e tinha uma terceira coluna que agora não me recordo exatamente. Ele sentou comigo e foi mais ou menos fazendo junto. “Você gosta de Biologia, você ia gostar de fazer?”. Respondi: “Ah, ia gostar muito de fazer essa faculdade”. Então ele preenchia a satisfação com uns 80%. E aí ele foi rascunhando comigo o retorno financeiro, “talvez não tanto”, e foi fazendo esse rascu-

¹ Entrevista realizada no dia 10/09/2022, através de videoconferência.

nho dessa tabela comigo. Fez para Biologia, Psicologia, Parapsicologia, Medicina e acho que foi isso, se não estou enganada. E aí ele falou: “Olha, agora você vai repetir sozinha, vai refazer essa tabela várias vezes e vai decidir qual é a profissão que você vai fazer”. E nessa tabela primeira que fiz, ele meio que sugeriu que fizesse a Psicologia. Ele falou: “Olha, a faculdade de Parapsicologia não sugiro” e acabou que refiz a tabela. E concluí que a Psicologia é a ciência que está mais próxima da Conscienciologia no sentido que ela estuda o ser humano, a psique; a intra-consciencialidade, como é denominado na Conscienciologia. Acabei decidindo por fazer a Psicologia e foi uma boa opção. Gostei muito do curso, achei que me deu muitos aportes cognitivos para aprofundar o autoconhecimento e esse autoconhecimento se somou com os aportes que já tinha dos estudos na época, que era só Projeciologia ali no início da década de 1990. Quando entrei na faculdade, em 1990, ainda não tinha Conscienciologia, que só foi sistematizada mesmo, em 1994, com o [livro] *700 Experimentos da Conscienciologia*. Pude somar esforços nesse processo de autoconhecimento, então tem relação total a influência do voluntariado na Conscienciologia na minha escolha profissional. Durante o curso teve algumas escolhas que tive que fazer e que acabaram tendo relação com a Conscienciologia. O próprio TCC, também tem influência. Foi bem interessante, porque no estágio fui onde deu oportunidade, onde uma amiga minha já estava trabalhando e ela me sugeriu entrar. Acabei fazendo um estágio na área de Psicometria, com testes psicológicos, que tem tudo a ver depois com a Conscienciometria. Foi bem interessante esse estágio. E o TCC, a monografia de graduação, escolhi fazer sobre Experiência de Quase Morte. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro a gente podia fazer em dupla, então escolhi fazer junto com a minha irmã, que também estava cursando Psicologia. Tivemos uma orientadora que foi a professora Élide Sigelmann, que inclusive já tinha livros publicados na área de Lexicografia, até uma coincidência, pois depois vim mexer com dicionários. Ela que orientou e a gente pôde colocar nessa monografia de graduação esse diálogo entre a ciência convencional e um pouquinho da Projeciologia em si e de novas linhas de conhecimento que estavam já dentro da própria Psicologia. Na época, tinha a Psicologia Transpessoal que já fazia um diálogo com essas questões dos fenômenos parapsíquicos, com as questões de energia, então a gente conseguiu abordar um pouco esse diálogo entre paradigmas de uma forma um pouco mais suave. O fato é que conseguimos abordar este tema nessa monografia de graduação. Então foi bem bacana escrever sobre a experiência de quase morte e esse trabalho foi bem recebido pela orientadora na época, foi aceito com naturalidade.

A.Z. Você lembra?

C.G. Sim, ela aceitou bem o tema. Ela não falava publicamente tudo, mas era um assunto que já tinha conhecimento de modo privado, particular, já tinha

ido estudar esse assunto. Então, de alguma forma, veio ao encontro de um interesse pessoal dela também de entender mais sobre o que era esse fenômeno da experiência da quase morte. Acho que foi por isso que deu muito certo e acabou que a monografia ficou assim: *Ensaio sobre a Experiência de Quase Morte no Âmbito da Psicologia*. Ela que ajudou a escolher o título, colocou bem o ensaio no sentido inicial mesmo, uma primeira abordagem do estudo da EQM dentro da Psicologia. Graças a esse interesse pessoal dela, a orientação e o próprio trabalho correu tudo bem, sem problemas. Talvez dê para a gente falar até que houve uma interassistência, no sentido de que ela já tinha esse interesse.

A.Z. Vocês tinham uma formação que talvez ela nem soubesse, pelo voluntariado na Conscienciologia, e precisavam se formar, fazer esse trabalho para poder obter o grau. Então já se pode pensar numa interassistência até multidimensional?

C.G. Sim, penso que sim. Na época não tive muita visão de conjunto, não sei relatar alguma coisa diferente, parapercepções, não me recordo de ter tido nada assim especial. Mas essas conversas com ela, essa aproximação foi uma orientação muito tranquila, muito bacana, muito rica a troca de experiências.

A.Z. Você se formou psicóloga e mais adiante foi para o mestrado. Como é que foi essa entrada, a escolha, o processo envolvendo o mestrado, do ponto de vista da relação que a Conscienciologia pode ter exercido nesse contexto?

C.G. O mestrado fiz de 2003 a 2005, já aqui em Foz do Iguaçu. Mudei para Foz no ano 2000 e em 2001 comecei a trabalhar como professora temporária na Unioeste, a Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Fiz um concurso em 2001, passei e, em 2002, comecei a trabalhar já concursada na Unioeste. Na ocasião, estava abrindo a primeira turma do mestrado em Letras Interdisciplinar, em Cascavel. Foz do Iguaçu fica a uma hora e meia, duas horas, do município de Cascavel. E como entrei e estava dando aula de Psicologia para o curso de Letras, me interessei em fazer porque ele era interdisciplinar e era dentro do contexto da turma em que estava dando aula. Entrei com um projeto que foi totalmente inspirado no Holociclo, que é um departamento do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC). Cheguei no ano 2000 e já comecei a fazer trabalho voluntário no Holociclo, com recorte e classificação de jornais. A gente tem uma grande hemeroteca lá, que hoje tem mais de meio milhão de recortes de notícias. Temos também dicionários e enciclopédias. Tem uma série de coleções lá dentro e, inspirada nos jornais, resolvi entrar com um projeto para saber qual era a personalidade que os jornais brasileiros estavam trazendo em evidência como a principal no país naquele momento, para fazer análise do discurso dessa personalidade. E o que aconteceu foi que essa ideia teve um raciocínio do que eu estava estudando na época, que era a Sociometria. Dentro do Holociclo, em 2002,

a gente começou a trabalhar com o estudo da Sociometria, uma sugestão de tema que o professor Waldo me passou para fazer a definição para o livro que ele estava escrevendo, o *Homo sapiens reurbanisatus* (2003). Comecei a estudar sobre Sociometria por causa desse pedido dele e acabei usando os jornais, mas com raciocínio sociométrico, quer dizer, qual é a personalidade que a sociedade está elegendo como principal, em evidência, a mais escolhida. E acabou que, em 2003, o novo presidente tomou posse, foi o presidente Lula, e os discursos do Lula estavam em evidência em todos os jornais brasileiros. Não tenho estudo na área de política, então falei que não, essa personalidade não vou conseguir fazer análise do discurso dela, vai me exigir muito para o mestrado, que são só dois anos. Acabou que então desisti de seguir a linha do projeto que tinha me proposto e fui pedir uma sugestão para o professor Waldo Vieira, se ele tinha alguma personalidade para eu analisar o discurso. No primeiro momento ele disse que não, isso foi dentro do Holociclo. Fui então fazer meu trabalho voluntário, passou uns minutos e ele me chamou de novo e falou assim: “Cristiane, tenho uma sugestão de uma personalidade para você”. E deu a sugestão da Zilda Arns, que era médica pediatra, sanitarista, aqui do Paraná mesmo. Ela fundou a *Pastoral da Criança*, um órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), da Igreja Católica, dedicado para cuidar das crianças ou salvar vidas de 0 a 6 anos de idade, na população pobre. No primeiro momento, não estava me recordando quem era e ele falou que ia me mostrar o material sobre ela. Ele achou no jornal, dias depois, me mostrou e quando fui ler o trabalho sobre a Zilda, me encantei. Achei um trabalho muito rico, muito assistencial. Todo o trabalho que ela fazia era voluntariado, pela *Pastoral da Criança*. Então, é interessante porque sou voluntária, o projeto nasceu inspirado dentro do Holociclo, indo estudar uma instituição e o discurso da Zilda Arns, que estava coordenando um trabalho voluntário também na área da assistencialidade e, no caso, das crianças de 0 a 6 anos de idade. Acabou que consegui, apesar dos professores não darem muito apoio inicialmente porque eles achavam que não tinha muito material para fazer análise do discurso. Mas pedi calma, que iria pesquisar. Fui juntando material, comecei a pesquisar em jornais. Ela lançou uma autobiografia no final do ano de 2003, depois saiu um material sobre a *Pastoral da Criança*, encontrei uma dissertação de Mestrado sobre esse órgão, comecei a achar muito material. Até que em 2004, ela veio a Foz do Iguaçu dar uma palestra na Itaipu, fui lá assistir à palestra e perguntei se poderia entrevistá-la. Marquei entrevista em Curitiba e fui até lá em julho de 2004. Consegui fazer a entrevista com ela e então ficou sendo a análise do discurso católico que fiz na minha dissertação de mestrado. E no decorrer aconteceram muitas coisas, porque a Igreja Católica não era um assunto que eu gostaria de estudar. A minha mãe é católica, minha avó era espírita e quando eu era criança, a minha

mãe, com a formação católica, batizou a mim e meus irmãos, fizemos a primeira comunhão, aquela coisa toda. Mas como conheci a Conscienciologia já na adolescência, tinha tido um fenômeno parapsíquico, uma experiência fora do corpo, foi isso que me levou até a palestra da Projeciologia, no caso, do professor Waldo Vieira, no Rio de Janeiro. Não me sentia afinizada com o catolicismo. Pelo contrário, não queria me envolver com religião nenhuma, nem com o espiritismo nem com o catolicismo. Quando tive o fenômeno, as explicações que ouvi da Projeciologia fizeram muito sentido. Então, apesar de me encantar com o trabalho da Zilda Arns, pensei em focar no trabalho dela. Só que a minha orientadora, na época, falou que eu teria que escrever sobre a instituição a qual ela pertencia, a Igreja Católica. Então tive que vencer uma barreira interna minha, íntima, para poder estudar. São dois mil anos de história dessa instituição e precisei posicionar a *Pastoral da Criança* dentro desse contexto da Igreja Católica. Aconteceram alguns fenômenos no decorrer do mestrado, um deles foi o ataque extrafísico de consciexes ou consciências extrafísicas de padres. Nesses ataques extrafísicos eles vinham para cima de mim falando em Latim, com uma energia muito pesada. Tive que trabalhar muito com energia nessa época. Indo para Cascavel, trabalhava muito com energia. Cheguei a consultar o professor Waldo Vieira e contar o que estava acontecendo: estava tendo muita repercussão extrafísica desse estudo, com os padres. Falei sobre o ataque de ex-padres ou padres extrafísicos e ele confirmou. Ele sorriu e falou assim: “Os padres estão todos atrás de você, mas segue em frente, trabalha com as energias, pensa positivo”. E foi o que fiz. Foi uma época muito intensa de trabalho energético. Todo o processo não foi fácil, exigiu muito de mim, muita atenção, dedicação e concentração, tanto cognitiva, de pesquisa, mas também energética. E o que percebia nos estudos era como se eu estivesse me posicionando perante os ex-colegas. Li a história da igreja, escrevia e sentia a presença dessas consciências extrafísicas. Estava me reposicionando. A sensação que dava era de ter estado, de algum modo, antes nessa história da igreja e que agora eu estava, então, trazendo uma outra perspectiva, mais crítica, de não concordância com muitos pontos de vista que essa instituição tomou ao longo dos séculos. Foi bem complexo, exigiu bastante de mim e depois que acabei o mestrado, no ano seguinte, dei entrada para publicação da dissertação e demorou quatro anos até a Editora da Universidade, da Unioeste, publicar. Porque a editora universitária tem uma fila de publicação, a coisa vai um pouco mais devagar. Enfim, a publicação só saiu em 2010. O título ficou *Jean-Jacques Rousseau e Pastoral da Criança: Um Diálogo Contemporâneo* e, em letra menor, *Reflexões sobre a interação entre o discurso pedagógico de Jean-Jacques Rousseau e o discurso religioso da Pastoral da Criança*. Depois que saiu a publicação desse livro, algumas informações começaram a chegar. O Pedro, meu duplista, meu companheiro,

perguntou para o professor Waldo Vieira o que esse livro significava na minha vida. Qual era o objetivo desse livro, o porquê desse assunto. O professor Waldo Vieira comentou que esse livro tinha sido escrito principalmente para as pessoas que estavam mais próximas: a minha orientadora e familiares. Ele citou especialmente a minha mãe, falou assim: “Sua mãe é católica, esse livro foi escrito para ela, você escreveu esse livro para ela”. E achei aquilo tudo muito curioso. O professor Waldo chegou inclusive a trazer algumas informações de possibilidades para frente. Ele falou assim: “Você, numa próxima vida, não vai ter mais sobrenome italiano e a Zilda Arns ainda vai vir lhe ajudar, vai vir ser sua amparadora”. Ele trouxe essas informações na época e aquilo tudo foi bastante impactante. Fiquei questionando, refletindo sobre o papel de uma pesquisa, de um livro acadêmico, o quão intenso tudo isso tinha sido. E, em um segundo momento, em outras conversas mais para frente, perguntando ainda sobre essa questão do estudo da Igreja Católica, ele [Waldo Vieira] comentou que quem tinha sugerido o nome da Zilda Arns naquele dia lá em 2003 para mim, dentro do Holociclo, tinha sido uma amparadora extrafísica chamada com o apelido de Veronesa, que foi uma personalidade da Igreja Católica e depois foi até considerada santa. Ela viveu um período ali no final do século 17, início do século 18, e é a personalidade da Lucia Filippini (1672-1732). Então fiquei com essa informação. Também teve uma tertúlia do Pedro em que eu estava presente, está gravada, inclusive, e no meio da tertúlia o Pedro citou esse meu livro e o professor Waldo Vieira comentou que a Zilda Arns teria sido pupila da Lucia Filippini, na ocasião que ela viveu na Itália e fundou as escolas católicas. E aí pensei: “Pôxa, mas provavelmente eu devia estar lá também”. Quando acabou a tertúlia, fui perguntar para ele. E ele falou: “Sim, você estava lá e tem mais gente também que estava lá”. Eu e o Pedro perguntamos quem seria e ele respondeu: “Quem que você acha que é?” A gente ficou sem saber na ocasião. Pedro sugeriu o nome de uma voluntária, ele falou que não, porém disse: “Olha, a sua mãe estava lá”. Entendi então que foi por isso que ele tinha comentado, já há um tempo antes, que esse livro tinha sido escrito para minha mãe. Então é interessante a gente pensar tudo isso. Não tenho lembrança, retrocognição, dessa época, mas de acordo com essas indicações que o professor Waldo me deu, tem essa questão da hipótese de ter estado lá nessa vida, junto com a minha mãe, quando a Lucia Filippini fundou as escolas. E depois de ter feito o curso intermissivo, séculos depois, vem a personalidade principal dessa história, que é a própria Lucia Filippini, só que extrafísicamente, e sugere que eu escreva sobre o discurso de uma ex-colega de uma outra vida, quando estávamos todas juntas. Então essa história dá muito o que pensar. Primeiro, dentro do paradigma consciencial, se a gente olhar, tudo que a gente pesquisa tem a ver com a nossa holobiografia, com a história de todas as nossas vidas. Esse é um primeiro

ponto básico que a gente extrai dessa vivência, dessa questão do mestrado. Segundo, que toda pesquisa independente da autoconsciência do pesquisador, seja na ciência convencional ou na Conscienciologia, é uma evocação. Só que claro que se você está consciente para aquilo, muda também de figura a sua atuação dentro desse processo evocativo. Outra questão é quando a gente tem interferência de consciências lúcidas, mais evoluídas, como a gente pensa que a Veronesa é. A gente percebe essa interferência, tentando lançar pontes, conexões e diálogos entre colegas que fizeram parte do grupo dela mesma, tentando fazer esse diálogo entre aquela época do discurso católico com uma época mais recente, com essa proposta da Conscienciologia. Então, você vê um processo do grupocarma aqui bem forte sendo trabalhado. E, para mim especialmente, me sentia como se tivesse atualizando o meu grupo do passado sobre a minha situação atual, sobre como estou hoje, o que estou estudando hoje e fazer todo esse trabalho de atualização ou até de recomposição grupocármica. A história é longa. Mas só aquele episódio com os padres, com as consciexes, vamos considerar que era tares que estava sendo feita com eles, qual poderia ser o tipo de esclarecimento que eles estavam precisando? Enfim, a interassistência acontecendo. O que percebia era como se eu fosse uma pessoa que estava junto com eles dentro do contexto do catolicismo em vidas passadas, penso que não só em uma vida, mas em várias vidas, e que, enfim, eu tinha alguma representatividade. Por que eles viriam atrás de mim? Por que eu estava incomodando nessa pesquisa? Deve ter uma razão de ser, porque se eu fosse um “Zé Ninguém” acho que não daria nenhuma repercussão. Mas teve uma repercussão, como se fosse assim: “mas como que ela agora está em pleno século 21, falando, escrevendo sobre um contexto que ela fez parte, que agora ela não está mais fazendo parte, que ela discorda, que ela está em outro momento, como assim? Que história é essa?” É como se viessem me puxar a orelha: “Você não lembra do seu passado? Você não sabe que estava lá e ajudou a construir todo esse processo? Você está agora desdizendo o que você dizia?” E, de certa forma, é isso mesmo, estou desdizendo o que dizia porque agora não quero fazer parte de religião nenhuma, não quero fazer parte de ideologia nenhuma. Quero primar pela liberdade de pensamento e de expressão. Então, o que entendo que houve nesse processo de esclarecimento, em relação a essas consciências extrafísicas católicas, é nesse sentido: uma pessoa que esteve dentro, e agora está pensando diferente, e eles vieram cobrar literalmente o fato de eu não estar mais apoiando aquela ideologia que apoiei em vidas passadas.

A.Z. Dá para a gente observar algumas características até paradigmáticas, porque o paradigma que você fala ou identidade etc., discurso, tudo tem bastante relação. No momento que alguém adere a um paradigma, aquilo vai se tornando uma identidade para a pessoa com o tempo. As ideias que ela defende, o tempo

e a energia que ela gasta para defender aquelas ideias, para fundamentar etc., divulgar, a consciência vai se identificando, ela vai assimilando, interiorizando, aquele modelo para o modo dela ver o mundo. Você usou o termo ‘liberdade’. A liberdade para fazer um contraponto, liberdade de pensamento e de expressão, que um contexto de paradigma religioso católico, como um exemplo, não tem isso. O ser humano não é visto como alguém que deve exercer muita liberdade de pensamento, de expressão.

C.G. E tem a questão do estudo. No catolicismo até se estuda muito, tem estudo, mas a questão é que é tudo restrito, é dentro dos limites que são colocados, dentro dos cânones. E aí de você que saia dali. Se você sai dali, você é um herege, você é pecador, você, enfim, seja lá o que for. Então é isso que não quero mais. Quero liberdade de estudar o que quiser, falar o que penso e não ficar restrita a dogmas, a certezas que na verdade ninguém tem. A gente tem que estar o tempo todo reciclando e mudando. Isso aí na minha cabeça hoje em dia é totalmente inadequado, anacrônico, você se fundamentar em dogmas.

A.Z. Agora, esse estudo tem uma característica muito interessante do tipo de revezamento que envolve. Porque, de certa forma, a própria Lucia Filippini deu início a essa grande linha de escolas católicas, mas que tinham uma qualidade muito grande em termos de educação mesmo, de formação etc. Então isso é um pouco paradoxal, porque no momento que você estabelece uma educação de qualidade, não há como controlar o produto, vamos dizer assim. Você vai acabar formando seres pensantes, não adianta. Então o investimento na cultura e na educação acaba levando a um grau de emancipação da pessoa, do pensamento. Então é bem provável que haja um saldo bom desse trabalho. E aí tem a figura do Jean-Jacques Rousseau (1702-1778), que estava também ali, um pensador singular, de difícil classificação, porque ele era do tempo iluminista mas criticava os iluministas. Mas ele é uma das grandes referências da pedagogia moderna, que viveu um pouco depois da Filippini, há poucas décadas, talvez até o nascimento dele pegue a fase do final da vida dela, não foi tão longe assim. Então em termos de holopensene ele foi um continuador desse processo de pedagogia moderna, de pedagogia ativa etc. É como se fosse um grupo, um processo, que tem agora uma ruptura da Conscienciologia com o catolicismo, ok, mas há um contínuo de qualidade de educação, de cultura.

C.G. Sim. O Rousseau, quando propus a dissertação, os professores da banca falaram: “como é que você conseguiu botar Rousseau e catolicismo juntos? Vamos ver como é que ela fez isso”. E realmente o Rousseau é uma personalidade multifacetada. Tem pessoas que estudam o Rousseau só pelo lado dele ser músico, outros pelo lado dele ser botânico, ou pela faceta dele de filósofo, pelo lado do iluminismo, mais amplo, pelo lado revolucionário, pois as ideias dele de certa

forma também influenciaram a Revolução Francesa. Então ele é multifacetado, é difícil classificar o Rousseau numa caixinha. É complicado, a gente não consegue classificar ele. E, na verdade, o que ele tem em comum com a Zilda Arns é a faceta pedagógica dele, pelo livro que ele escreveu, *Emílio ou Da Educação*, que é o livro considerado fundador da pedagogia. Ele mesmo é considerado o pai da pedagogia. Me detive basicamente nesse aspecto pedagógico do Rousseau. Então você vê direitinho essa questão da infância, da criança, presente no discurso do Rousseau e presente no discurso da Zilda Arns. Mas, é claro que a gente tem uma Zilda ali que tem um discurso médico científico misturado com discurso católico, religioso, e no Rousseau você tem críticas à Igreja Católica. Ele era um crítico ferrenho da Igreja Católica, mas na ocasião ele era deísta, ele acreditava em Deus. Era muito comum entre os filósofos dessa época: eles não seguiam uma religião institucionalizada, mas eles acreditavam na figura de Deus, na ideia de Deus. Você vê como a consciência é complexa, todo esse contexto é complexo. Mas o que une todos é a questão da educação, a questão do cuidado com a infância, o cuidado com a criança. E hoje, por exemplo, dou aula de Psicologia da Educação. Então, vejo que tenho um comprometimento ao longo das minhas vidas com a educação, de alguma forma, tanto envolvida com educação de crianças, quanto também no processo, penso, pedagógico universitário. Uma pesquisa dessa traz muitos elementos de autopesquisa, que é o foco do paradigma consciencial, da Conscienciologia. Derivado dessa pesquisa, tenho essas hipóteses de retrovidas dentro da Igreja Católica, hipótese de estar envolvida com educação, hipótese de estar envolvida também com processo iluminista, a partir dessa conexão com Rousseau, com o Iluminismo e a própria *Encyclopédie*. Então também é uma outra hipótese de estudo, de pesquisa, que pode se levantar a partir dessa casuística, dessa dissertação de Mestrado. Penso assim, acho que todo livro é muito importante. Todo o livro que o autor escreve é muito importante, ele não deve ser minimizado. No meu caso, por exemplo, esse livro acadêmico foi muito importante na minha história, na minha recuperação de lucidez, na minha recuperação de cons e ele não perdeu em nada, para mim, como se fosse um livro conscienciológico. Escrever esse livro foi como uma grande aula de Conscienciologia. Apesar de nele não ter nada de Conscienciologia, fiz a minha dissertação dentro do paradigma convencional, dentro da universidade. Mas todos os bastidores que ocorreram, as histórias, tem tudo a ver com a minha holobiografia.

A.Z. Vamos então passar para o doutorado. Como foi o contexto da escolha temática? Poderia fazer um contexto geral do doutorado?

C.G. O tema do doutorado também foi inspirado dentro do Holociclo, que é o local onde faço trabalho voluntário no CEAEC, e tem a ver com os registros migratórios. Desde que mudei no ano 2000 para Foz do Iguaçu para volunta-

riar, o professor Waldo Vieira solicitou que eu registrasse o nome das pessoas que estavam mudando para se integrar ao voluntariado aqui em Foz do Iguaçu. Comecei a fazer esses registros e isso cresceu de um modo que acabou virando uma comunidade e essa comunidade acabou formando até um bairro, o bairro Cognópolis. Em 2015, na Universidade onde trabalho, já estava sendo citada a possibilidade de abrir o doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, pois já estava funcionando o mestrado. Cheguei até a conversar com uma colega da Unioeste na ocasião sobre se conseguiria fazer um doutorado com o tema da Conscienciologia, mas mais específico, sobre a migração. Qual é a motivação das pessoas migrarem? Na ocasião, essa professora falou que achava que conseguiria sim, porém teria que fazer um exercício de estranhamento. Essa foi a palavra que ela utilizou, para tentar me distanciar um pouco do objeto de estudo. Aquilo ficou na minha cabeça e me inscrevi numa disciplina optativa, de um professor que futuramente virou meu orientador, especialista em migração. Foi inclusive indicação dessa professora. Comecei a fazer a disciplina optativa, estudar migração e gostei muito. Decidi entrar com o projeto por ali, fiz a prova, passei em todas as etapas e consegui entrar na primeira turma. Comecei o doutorado com o projeto sobre a migração conscienciológica, para aprofundar e trabalhar com história oral, entrevistas, entender as motivações das pessoas, na medida em que fui aprofundando os estudos. Quando cheguei na banca de qualificação, no início de agosto de 2017, a banca disse que a migração estava presente, mas o objeto de estudo não era a migração. A migração seria uma etapa de formação da comunidade conscienciológica e o objeto de estudo, a comunidade conscienciológica. Aí me dei conta que a coisa cresceu um pouco mais, iria ampliar. A comunidade envolve muita gente, são várias facetas. Mas se eles acharam que o meu objeto de estudo era esse, decidi encarar. Tinha participado também de uma seleção para fazer um doutorado sanduíche e consegui então um terço de uma bolsa. Eu e mais dois colegas dividimos. Ganhei então quatro meses de bolsa para estudar em Portugal. Fui para Universidade de Lisboa e estudei lá sobre a migração. Quando cheguei em Portugal, o professor orientador, da Universidade de Lisboa, da Faculdade de História, falou que se o meu tema não era mais migração e sim comunidade, teria que fazer um inquérito. Fiquei ali no estágio estudando e preparei um questionário. Quando voltei, em 2018, apliquei o questionário na comunidade, 368 pessoas responderam e acabaram ficando 360, fiz as entrevistas com voluntários e enfim consegui escrever sobre a comunidade conscienciológica. O título ficou *Comunidade Conscienciológica: voluntariado, migração e territorialidades*. Então nesse doutorado a inspiração veio do Holocausto, como falei. O que percebi? Percebi muito apoio energético e como se fosse uma paraceptoría extrafísica na escrita dessa tese, além da preceptoría intrafí-

sica dos meus orientadores, porque na verdade tive um orientador em Portugal, tive meu orientador principal e tive um coorientador que ajudou durante um ano nessa parte do questionário, na aplicação mais quantitativa. Então foi muita gente que ajudou na escrita dessa tese. E foi uma coisa inédita, porque não tinha nada em termos de doutorado sobre a Conscienciologia. Existia sim outros trabalhos acadêmicos, mas não centrados unicamente no tema da Conscienciologia. Tanto que até cito na tese vários trabalhos acadêmicos anteriores com temas variados, próximos: a Conscienciologia, a Projeciologia, o estado vibracional... Então essa obra acabou ficando interparadigmática por essência, digamos assim, da forma como compreendo que é esse diálogo entre paradigmas. Acho que esse prefixo 'inter' quer dizer esse diálogo entre paradigmas. Apesar de ser feito com métodos convencionais, trabalhei na interdisciplinaridade com vários métodos, trabalhei com paradigma indiciário, história oral, história quantitativa, todos eles dialogando. Mas o tema em si era a história da comunidade conscienciológica, o que é essa comunidade? Para responder a essa pergunta tive que fazer a história da comunidade conscienciológica. Dentro da Conscienciologia, do paradigma consciencial, a Parassociologia estuda justamente a implantação da Conscienciologia no intrafísico, da comunidade conscienciológica. A gente vê uma interface aí entre os dois paradigmas. No decorrer da tese procurei colocar as questões também de interferências extrafísicas, enfim, o próprio paradigma consciencial, em algum ponto aqui e ali para exemplificar e explicar o que é esse paradigma. Acho que essa obra veio como uma ponte de diálogo entre o meio acadêmico, os voluntários da Conscienciologia e a comunidade conscienciológica em si. Vamos ver se a gente consegue aprofundar mais esse diálogo.

A.Z. Em termos de processo da elaboração da tese, da pesquisa, você chegou a observar questões interassistenciais, multidimensionais, envolvendo esse trabalho?

C.G. Observei sim, tiveram algumas situações pontuais. Estou lembrando de um primeiro trabalho que apresentei sobre a migração conscienciológica, ainda estava bem no início do doutorado, foi em dezembro de 2015. Teve um congresso interdisciplinar em Foz do Iguaçu e eu fui falar sobre o tema da migração. Veio um professor que estava na minha sala para fazer a mediação dos questionamentos para as pessoas que iam fazer a comunicação, eu e mais os outros colegas que estavam na sala. Quando apresentei meu trabalho da migração conscienciológica ele virou para mim e falou que tinha entrado com um projeto de doutorado em São Paulo para estudar a questão dos fenômenos parapsíquicos, mas não levou adiante, achou que ia ficar muito complicado para explicar, teria que envolver a questão da física quântica e mudou totalmente o projeto. Achei aquilo muito curioso, muita sincronicidade, porque num congresso tem várias

salas, várias comunicações, e acabou caindo um professor que já tinha tentado fazer um projeto afinizado com a questão do parapsiquismo no meio acadêmico e ele tinha desistido de fazer o projeto. Quando ele viu o meu projeto, ele falou que estava torcendo para dar certo. Achei aquilo ali uma certa assistência, no sentido talvez de mostrar ao professor que é possível, que vale a pena insistir, tentar, entrar com projetos sobre esse tema no meio acadêmico. Uma outra ocorrência foi quando estava preparando o meu trabalho para a banca de qualificação e estava estudando muito sobre comunidade. Li alguma coisa sobre comunidade, porém o meu tema ainda era migração, isso foi antes da banca de qualificação. Estava fazendo uma comparação entre a comunidade conscienciológica e a comunidade pitagórica, porque achei uma tese sobre Pitágoras, comecei a ler e me pareceu que apesar de estar muito distante no tempo, ter muitas coisas diferentes, mas tem uma coisa aqui ou acolá parecida. Então pensei em fazer um tópico para comentar isso. Comecei a estudar sobre esse assunto e foi muito rico, também porque um dia acordei com uma palavra na minha cabeça que não conhecia, *koinonia*, nunca tinha ouvido essa palavra. Acordei de manhã com essa palavra na cabeça e fui pesquisar o que significava. Encontrei que é uma palavra grega que quer dizer ‘comunhão’, ‘vida em comum’. É bem a ideia de comunidade, como era antigamente na Grécia antiga, nessa comunidade pitagórica que eu estava estudando. Então vi direitinho que ali tinha um dedo extrafísico, tinha mais gente ali comigo, consciências extrafísicas interessadas no estudo que estava fazendo, o comparativo entre a comunidade pitagórica e a comunidade conscienciológica. A versão em papel que entreguei para a banca de qualificação tem esse tópico de comparativo, só que na banca, eles pediram para retirar, porque [a comunidade pitagórica] está muito distante no tempo. Aceitei e retirei, mas foi rica essa vivência. Percebi que tinha consciências ligadas a isso, consciências extrafísicas. Outra condição em que vi a multidimensionalidade atuando aconteceu antes de ir para a banca de qualificação. Passei no Rio de Janeiro para visitar minha mãe. Ela tem na biblioteca dela alguns livros do Jung e, na faculdade de Psicologia, nunca estudei esse autor, na federal não tinha essa abordagem. Era muito psicanalítico, mas mais ligado à linha do Freud mesmo e Lacan. Então, sabia quem era Jung, mas nunca tinha aprofundado. Minha mãe sempre gostou do Jung e, não sei por que, me deu uma vontade de pegar os livros dele e aí peguei um, aquele *Memória, sonhos, reflexões*. Em vários trechos ele fala sobre a hipótese que ele estava inclinado a considerar seriamente, que ele chama ali de reencarnação, a hipótese de múltiplas vidas. Ele diz não ter provas, mas diante das evidências da vida dele, de tudo que acontecia com os pacientes, estava inclinado a estudar seriamente, a considerar seriamente essa hipótese. Ele cita o exemplo de sonhos dele e dos pacientes. Quando li, me pareceu que poderia entrar na minha tese, trechos que poderiam

ser muito interessantes para o diálogo entre a ciência convencional e a Conscienciologia. Registre essa informação. Quando chegou na banca de qualificação, o primeiro professor a comentar, pegou a minha tese e falou que começa a analisar as teses, os projetos, pela bibliografia. Ele leu toda a bibliografia, considerou que estava muito boa, inclusive com muitas referências da própria Conscienciologia, achou ótimo, porém sentiu falta de uma personalidade, de alguma bibliografia do Jung. Aí contei que tinha acabado de ter a inspiração de colocar o Jung na tese, dias antes. Achei uma sincronicidade e também que tinha um dedinho ali de uma certa tutoria extrafísica. Não só para mim, na escrita, quanto também ajudando ou, quem sabe, por hipótese, inspirando os professores ali também. Então foram algumas histórias que recordei agora aqui, mas tem mais coisas.

A.Z. Comparando o processo do mestrado com o doutorado parece que são realmente bem diferentes. Por hipótese, no mestrado, acabou assistindo grupos envolvidos ainda em paradigmas passados, mais antigos, anacrônicos, e no doutorado pode servir muito mais como um exemplo até para alunos de curso intermissivo, por exemplo, ou para os próprios colegas intermissivistas aqui ressomados. Seria uma condição muito mais de presente-futuro e o mestrado talvez de passado-presente. São experiências bem diferentes, pelo visto.

C.G. São bem diferentes, a minha impressão é bem essa, mesmo. No mestrado é como se estivesse mexendo muito com meu passado, minhas retrovidas. Nesse doutorado estou mexendo com o momento presente, mas ao mesmo tempo, algo me diz que é como se tivesse ido mais para trás no meu passado, para antes do catolicismo, antes dos 2.000 anos de história da Igreja. É como se tivesse caminhado mais para trás no sentido de hipóteses de retrovidas vividas em comunidades, na antiguidade, quem sabe envolvida até com linhas ideológicas anteriores ao cristianismo e ao catolicismo. Por exemplo, o judaísmo é uma hipótese que tenho desse doutorado; ao mesmo tempo que ele [o doutorado] é um tema presente, ele trata das raízes de um tema mais antigo ainda. É como se tivesse caminhado mais para trás na minha holobiografia, essa é minha hipótese.

A.Z. Quais são suas considerações sobre relações entre formação acadêmica e Conscienciologia? Como você poderia tentar resumir isso em algumas ideias principais?

C.G. Dá para fazer duas abordagens: uma mais teórica e uma outra mais da minha vivência. A mais teórica seria fazer o cortejo, contrapontos, que a gente consegue enxergar ao mesmo tempo sendo do meio acadêmico e sendo da Conscienciologia, que é o paradigma convencional materialista e o paradigma consciencial, mais transcendente. A gente vê as ciências na universidade mais consolidadas, não todas, mas uma maioria. E a gente vê a Conscienciologia uma ciência bebê ainda, inicial, que está começando, mas que ao mesmo tempo reúne

várias linhas de conhecimento. A gente vê um enfoque da ciência convencional muito na heteropesquisa, na pesquisa do outro, do mundo externo, e a Conscienciologia nesse enfoque da autopesquisa, voltada para o autoconhecimento. Essa seria uma abordagem interessante para a gente sempre ter em mente. E a outra é a mais vivencial, onde de alguma forma tentei conciliar tanto na minha graduação, quanto no mestrado e no doutorado, os dois paradigmas, fazendo heteropesquisa e, ao mesmo tempo, autopesquisa. Nos três momentos procurei fazer sempre essa reflexão. O que tenho a ver com esse assunto? Quais são as minhas parapercepções? Qual é o meu campo energético? O que está atraindo? Qual tipo de consciências extrafísicas? Como está a assistência relacionada a esse assunto que estou trazendo? A quem estou atraindo e o que posso estar contribuindo hoje com ideias, com energias recicladoras e evolutivas? Na minha vivência procurei sempre estar com essas duas facetas: a heteropesquisa e a autopesquisa. Tenho uma característica que é gostar de estudar tudo. Tem aula, gosto de estudar, gosto de aprender. Então mesmo com a cabeça que tenho do paradigma consciencial, procuro aprender muito na universidade, com os meus colegas, com as disciplinas que tenho que ministrar, com os próprios alunos. Observo muito o comportamento, os conhecimentos que eles trazem. A mensagem que queria deixar é essa importância do aprendizado. Onde quer que a gente esteja, a gente pode aprender com o exemplo dos outros, com a vivência dos outros e mesmo com conhecimento teórico também dos outros e procurar oportunizar e levar de eito essa questão da heteropesquisa junto com a autopesquisa, porque a consciência em si ela é multidimensional, ela é multiexistencial. Onde quer que você esteja, você pode estar fazendo essa atuação no paradigma consciencial, mesmo dentro da Universidade, do meio acadêmico.

A.Z. Agradeço por ter aceitado conversar com a gente e contamos com você para outras atividades.

C.G. Aceito sim participar de mais diálogos interparadigmáticos. Agradeço a oportunidade de compartilhar a minha vivência. Vamos em frente e vamos com a Interparadigmas! Que venham mais 10, 20, 30 anos de Interparadigmas!